

AS SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERAÇÕES ENTRE OS MUNDOS VIVIDOS E OS CIRCUITOS DE FLUXOS SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO

Rosalvo Nobre CARNEIRO¹

Alcindo José de SÁ²

RESUMO

Há diferenças e semelhanças na produção e reprodução sócio-espacial dos lugares produtores de redes de dormir da região Nordeste do Brasil, cuja causa deve ser buscada nas interações entre seus mundos da vida, partilhados intersubjetivamente, e os mundos do sistema representados por seus circuitos de fluxos sócio-espaciais. O mundo vivido aparece como o solo daquilo que é dado como certo para as pessoas, apresentando uma estrutura formada por personalidade, sociedade e cultura. Tal mundo encontra-se em processo de colonização pelo mundo do sistema, representado pelo mercado e pelo Estado e suas instituições, que, no caso dos municípios fabricantes de redes de dormir do Nordeste brasileiro se refere aos circuitos de fluxos inferiores informais, circuitos de fluxos inferiores formais e circuitos de fluxos superiores secundários, além do Poder Público nele atuante. As relações entre mundo vivido e circuitos de fluxos sócio-espaciais da indústria têxtil de redes de dormir têm possibilitado novas formas de crescimento econômico e desenvolvimento sócio-espacial a partir de fora, baseadas nos Arranjos Produtivos Locais, sem, no entanto, deixar de considerar os processos de desenvolvimento endógeno, baseados na cultural local.

Palavras-chave: Mundo vivido, circuitos de fluxos sócio-espaciais, redes de dormir.

ABSTRACT

It has differences and similarities in the production and socio-spatial reproduction of the producing places of nets to sleep of the Northeast region of Brazil, whose cause must be searched in the interactions between its worlds of the life, shared intersubjectively, and the worlds of the system represented by its circuits of socio spatial flows. The lived world appears as the ground of what it is given as certain for the people, presenting a structure formed for personality, society and culture. Such world meets in process of settling for the world of the system, represented for the market and the State and its institutions, that, in the case of the cities manufacturers of hammocks northeast Brazilian if it relates to the circuits of informal inferior flows, circuits of formal inferior flows and circuits of secondary superior flows, beyond the Public Power in operating it. The relations between lived world and circuits of socio spatial flows of the textile industry of hammocks have made possible new forms of economic growth and socio spatial development from is, established in the Local Productive Arrangements, without, however, to leave to consider the processes of endogenous development, based in the cultural place.

Key words: Lived world, circuits of socio-spatial flows, hammocks.

¹ Doutorando do PPGEIO/UFPE e Prof. do DGE/CAMEAM/UERN. E-mail: rosalconobre@uern.br

² Professor Adjunto do PPGEIO/UFPE. E-mail: alcindosa@ufpe.br

1. INTRODUÇÃO

O mundo da vida é o tema geral deste trabalho, assim como o entende Jürgen Habermas (1990, 2002, 2003a, 2003b, 2003c). A partir dele busca-se estabelecer uma relação direta e solidária com os circuitos de fluxos sócio-espaciais da indústria têxtil de redes de dormir, conforme propõe Carneiro (2006), cujo objetivo é analisar, explicar e compreender os cotidianos da produção e reprodução dos espaços das redes da região Nordeste do Brasil onde se verifica tal atividade industrial.

O mundo da vida é um conceito e uma categoria de estudo que permite perceber e explicar o mundo e os lugares a partir de outra ótica, que não puramente econômica, ainda que não prescindida desta, posto ser o mesmo estruturado a partir do agir comunicativo e da razão comunicativa (HABERMAS, 1990), cuja busca de entendimento e consenso sobre questões de interesse pessoal e coletivo em seu interior se dá por meio da utilização de atos de fala com pretensões de validade criticáveis. Segundo Habermas (2002, p. 30) a razão comunicativa ou destrancendentalizada se origina de três pressupostos pragmático-formais do agir comunicativo, no qual estão inclusos “a suposição comum a respeito de um mundo objetivo, a racionalidade que os sujeitos agentes supõem reciprocamente e a validade incondicional que exigem para suas afirmações nos atos de fala [...]”.

Os espaços das redes ou o conjunto de municípios nordestinos cuja fabricação de redes de dormir é a base de sua economia, inclui, dentre outros, São Bento (Paraíba), Jardim de Piranhas (Rio Grande do Norte), Jaguaruana (Ceará) e Tacaratu (Pernambuco). Estes espaços apresentam mundos vividos e sistêmicos semelhantes e diferentes cuja explicação deve ser buscada na interação entre circuitos de fluxos sócio-espaciais e mundos vividos.

É possível identificar entre os espaços das redes a existência de mercados periódicos exclusivamente voltados para a comercialização de redes de dormir em São Bento-PB, Jardim de Piranhas-RN e Jaguaruana-CE (ARAÚJO, 1996) cujos elementos sociais e formas de ações se assemelham, denotando, portanto, que distantes ou não geograficamente há semelhanças entre os mundos vividos localmente.

O município de Jardim de Piranhas-RN, concentrando o maior número de suas empresas na zona urbana assim como Jaguaruana-CE (RIBEIRO NETO; GONDIM et. al. 2005) se diferenciam de São Bento, Paraíba, pela distribuição de empresas mais equilibrada entre zona urbana e rural (CARNEIRO, 2001) e o de pessoas espalhado por seu “circuito espacial da produção regional” (CARNEIRO, 2006) ao passo que Tacaratu, Pernambuco, se caracteriza pela concentração maior no campo das empresas e das pessoas que nela trabalham (ARAÚJO, 1996; TACARATU, 2003).

O mundo da vida que alguns lugares produtivos de redes de dormir da região Nordeste experimentam têm seus cotidianos normatizados por complementaridades e verticalidades emanadas por outros, geralmente distantes, na medida em que há e pode haver interações diretas entre eles, especialmente comerciais, ou à distância. Esses cotidianos homólogos e ao mesmo tempo diferentes são resultantes da própria complexidade dos lugares uma vez que quanto menor a escala maior a quantidade de eventos externos, advindos dos níveis de escala superior, que sobre eles agem (SANTOS, 1985, p. 3).

As interações solidárias e contraditórias entre fluxos de toda natureza emitidos, recebidos e trocados entre agentes sociais variados dentro de uma determinada área, conforme suas vinculações aos circuitos de fluxos sócio-espaciais criam e recriam espaços-tempos diversificados enquanto mundos da vida, cujas cotidianidades e horizontalidades são marcadas, quando comparadas entre si, por elementos de natureza ora semelhantes ora diferentes.

A produção e reprodução sócio-territorial dos/nos diversos mundos vividos produtores de redes de dormir da região Nordeste do Brasil são tanto semelhantes como diferentes em função de suas interações com os variados circuitos de fluxos sócio-espaciais presentes em seu interior, sejam inferiores ou superiores. Estas semelhanças e diferenças têm como dado explicativo inicial a produção do espaço nordestino.

2. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NORDESTINO E DOS ESPAÇOS DAS REDES

O Nordeste foi a primeira região brasileira a ser produzida, quando da conquista territorial dos portugueses no século XVI e a rede de dormir um objeto importante de apoio a este empreendimento. Cascudo (2003, p.14) verificou que “a primeira citação nominal de rede datava de abril de 1500. Daí para nossos dias constituía um elemento indispensável e normal na existência de milhões e milhões de brasileiros em quatro séculos”.

Atravessando os diversos momentos de ocupação, colonização e produção do espaço nordestino, desde o litoral, agreste, brejo, sertão e meio-norte a rede de dormir foi um objeto técnico de uso generalizado socialmente, o que fez emergir em várias dessas regiões lugares produtivos especializados em sua fabricação.

Neste particular, cabe distinguir entre os espaços das redes de origem indígena, pois surgiram a partir da expansão das técnicas dos índios, como Boqueirão, na Paraíba, Tacaratu, em Pernambuco e Jaguaruana, no Ceará, daqueles cujo início se liga à difusão da informação e da técnica pelo território ou a formas de sobrevivência, como São Bento, na Paraíba, e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte.

A produção do espaço nordestino, portanto, possibilitou a difusão da atividade de fabricação de redes de dormir em diferentes lugares de suas diversas sub-regiões, e estes, por sua vez, passaram a ser responsáveis, por esta produção, segundo suas singularidades.

3. A UNIVERSALIDADE DOS ESPAÇOS DAS REDES NORDESTINOS E DE SEUS MUNDOS VIVIDOS E SISTÊMICOS

Estes espaços das redes apresentam mundos da vida, que são ao mesmo tempo universais e singulares, isto é, ao mesmo tempo em que todos eles participam de uma ordem global técnico-científico-informacional que impõe verticalidades eles apresentam suas ordens locais, resultantes de seus mundos sistêmicos, expressos pelos circuitos de fluxos sócio-espaciais, e das complementaridades e horizontalidades criadas e mantidas a partir de seus mundos vividos partilhado intersubjetivamente.

3.1. A globalização e a normatização vertical dos mundos vividos dos espaços das redes nordestinos

Se não há consenso sobre o significado da globalização, todavia se reconhece que não se trata de um fenômeno recente uma vez que “já com a expansão do império romano, há mais de dois mil anos, pode-se identificar certo embrião globalizante” (BRUM, 1998, p.72) e mesmo Marx & Engels (2001, p.30) já o haviam previsto na segunda metade do século XIX ao dizer que “a auto-suficiência e o isolamento regional e nacional de outrora deram lugar a um intercâmbio generalizado, a uma interdependência geral entre as nações”.

Como lembra Ianni (1999, p.24) “a globalização não é um fato acabado, mas um processo em marcha. Enfrenta obstáculos, sofre interrupções, mas generaliza-se e aprofunda-se como tendência”. Alguns a definem como o desenvolvimento do processo de internacionalização do capital (CARCANHOLO, 1998, p.16) outros como o ápice deste processo (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p.23), sendo vista ainda como “[...] a terceira etapa do desenvolvimento do capitalismo, que se segue ao colonialismo e ao imperialismo” (ANDRADE, 1998, p.236).

A globalização é vista, aqui, como sinônimo de mundo do sistema político regido pelo Estado e do mercado, guiado pelas empresas, que através de seus símbolos, o poder e o dinheiro (HABERMAS, 1990), é responsável por colonizar os mundos vividos do planeta a partir de sua razão instrumental.

Malgrado o acontecer hierárquico (SANTOS, 1999) que alguns agentes, empresas e lugares mundiais impõem aos demais, cada mundo vivido dos espaços das redes, conforme

suas interações com os circuitos de fluxos sociais, presentes em seu território, sejam estes o inferior ou o superior (SANTOS, 1979) cria outras formas de aconteceres, dentre os quais o horizontal e o complementar.

3.2. Mundos da vida e circuitos de fluxos sócioespaciais: acontecer horizontal e complementar dos espaços das redes nordestinos

As horizontalidades e as complementaridades mudam, portanto, conforme os tipos de circuitos de fluxos existentes em cada lugar, posto que estes se reproduzem em seus circuitos espaciais da produção de diferentes escalas, incluindo a local, regional, nacional e internacional (CARNEIRO, 2006).

O acontecer horizontal e o acontecer complementar de um agente, empresa ou lugar vai, desse modo, até onde forem seus circuitos espaciais da produção, isto é, o espaço formado por objetos e ações em que a sua produção, em sentido geral, não puramente econômica, incluindo a de comunicação e normas, se realiza.

Como os circuitos de fluxos da indústria têxtil de fabricação de redes de dormir do Nordeste brasileiro são diferenciados, especialmente em relação à formalidade e informalidade, pode-se admitir que o espaço de ação das empresas de um determinado lugar varia segundo esta variável.

3.3. Mundos da vida, formalidade e informalidade de circuitos de fluxos sociais dos espaços das redes nordestinos

Dado geral dos espaços das redes de dormir é a baixa formalidade em todos os municípios e a elevada informalidade das empresas pertencentes aos seus circuitos de fluxos sociais. A maior informalidade se relaciona a predominância dos circuitos de fluxos inferiores informais e a baixa formalidade a pequena dimensão de seus circuitos de fluxos superiores secundários, para usar as expressões cunhadas por Carneiro (2006).

Os agentes sociais dos espaços das redes se encontram, historicamente, explorados e pobres, mal pagos e à margem, muitas vezes, da proteção legal convivendo, assim, dentro de um mundo da vida e de um cotidiano cujas condições e a qualidade de suas vidas são precárias. Neste contexto de vida a cidadania, enquanto sócio-territorial, é apenas uma promessa, mais longe para todos e mais próxima para alguns.

A presença maior do Governo Federal, estados e municípios desde a década de 1990 nos espaços das redes, atuando de forma mais marcante na promoção do desenvolvimento industrial local e do desenvolvimento regional, através do SEBRAE, BNB, Banco do Brasil e

outras instituições bem como da promoção dos Arranjos Produtivos Locais pode está contribuindo para o aumento da formalidade nestas áreas.

No embate entre colonização do mundo vivido próprio dos espaços das redes pelo mundo do sistema de mercado, através do aumento da competição, e do Estado, através de seus instrumentos favorece a ampliação das singularidades nos espaços das redes.

4. AS SINGULARIDADES DOS ESPAÇOS DAS REDES NORDESTINOS E SEUS MUNDOS VIVIDOS E SISTÊMICOS

Os espaços das redes nordestinos apresentam singularidades que os diferenciam entre si, e que se expressam na existência territorial variada e diversa de seus circuitos de fluxos (inferiores informais, inferiores formais e superiores secundários), meios técnicos, circuitos espaciais da produção (local, regional, nacional e internacional) e nas formas de seus acontecimentos homólogo e complementar.

4.1. Os mundos vividos e os circuitos de fluxos dos espaços das redes nordestinos

Cada mundo vivido é portador de diversos e diferentes circuitos de fluxos ligados à indústria têxtil de fabricação de redes de dormir. Neste caso pode haver espaços onde existam apenas os circuitos de fluxos inferiores, incluindo os informais e os formais, em outros, além destes o circuito de fluxo superior secundário ou ainda o circuito de fluxo superior não-hegemônico (CARNEIRO, 2006).

No primeiro caso pode-se citar o caso de Aparecida e Paulista, na Paraíba, no segundo, São Bento-PB e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte e no terceiro, Jaguaruana, no Ceará. Neste caso devido à presença de fiações que fabricam tecidos e fios para serem utilizados em fábricas de redes de dormir.

A existência destes circuitos está associada às interações espaciais que cada lugar mantém com os demais, isto é, aos seus circuitos espaciais da produção. “As cidades vão se deslocando de suas relações regionais para formar um espaço planetarizado, estruturado numa nodosidade em que as cidades articulam-se entre si em rede e com vínculos territoriais cada vez mais imprecisos” (MOREIRA, 2006, p.82) cujo fundamento encontra-se na densidade técnica, científica e informacional de seus meios.

4.2. Os meios técnicos dos espaços das redes nordestinos

A descrição de Araújo (1996) do sistema de objetos e ações presentes no interior das fábricas de redes de dormir de algumas cidades do Nordeste deixa entrever que estas

empresas se localizam em espaços cujos meios técnicos são densamente diferenciados quanto à presença da ciência, técnica e informação.

Embora trabalhando com uma área de estudo menos vasta, as microrregiões de Catolé do Rocha e de Sousa, na Paraíba e a microrregião do Seridó Ocidental, no Rio Grande do Norte, Carneiro (2006) acrescenta a descrição desses sistemas de objetos aqueles que conformam os meios técnicos dessa região, particularmente quanto aos serviços à produção e de circulação, dentre aqueles os de telecomunicações.

A comparação dos meios técnicos no circuito espacial da produção regional da indústria têxtil de São Bento (CARNEIRO, 2006) permite perceber o grau de desenvolvimento de sua produção fabril e de seu espaço, incluindo aí os seus diversos momentos, isto é, o espaço da produção, da distribuição, da circulação e do consumo frente aos dos demais municípios dessa área.

Na região Nordeste do Brasil os meios técnicos que dão sustentação à produção e reprodução sócioespacial dos lugares de fabricação de redes de dormir não apresentam a mesma carga em técnica, ciência e informação. Isto significa que há lugares em que o meio geográfico é predominantemente técnico, em outros técnicos-científicos e em menor proporção técnicos-científicos-informacionais.

Conforme um ou outro destes meios predomine os espaços das redes se diferenciam, também, pela presença em seu território de variados circuitos espaciais da produção, que aparecem, então como causa e condição destes meios.

4.3. Os circuitos espaciais da produção dos espaços das redes nordestinos

Podem-se admitir quatro tipos de circuitos espaciais da produção para os espaços das redes nordestinos (CARNEIRO, 2006). O circuito espacial da produção local, agido por circuitos de fluxos inferiores informais. O circuito espacial da produção regional, pelos circuitos de fluxos inferiores formais e circuitos de fluxos superiores secundários. O circuito espacial da produção nacional e o circuito espacial da produção internacional, pelos circuitos de fluxos superiores secundários, circuitos de fluxos superiores não-hegemônicos e circuitos de fluxos superiores hegemônicos.

O que marca os espaços das redes quanto à presença desses circuitos espaciais da produção é a sua presença incompleta na maior parte deles e completa, na menor. Esta situação é causada, no primeiro caso, pela inexistência conjunta de um meio técnico-científico-informacional e de um circuito de fluxos superior secundário.

À medida que se amplia a escala do circuito espacial da produção e que há, em

determinado território, os circuitos de fluxos de nível hierárquico mais elevado quanto à capacidade de ação e produção espacial, bem como uma maior densidade técnica, científica e informacional do meio, ampliam-se também suas horizontalidades, complementaridades e verticalidades.

4.4. Os espaços das redes nordestinos e suas horizontalidades, complementaridades e verticalidades

As horizontalidades, complementaridades e verticalidades são categorias explicativas separadas, a compreensão de uma leva a explicação da outra de tal modo que o espaço pode ser apreendido por meio delas em sua configuração atual.

Defende-se aqui que os espaços das redes apresentam diferentes graus de horizontalidade, complementaridades e verticalidades em função de como localmente se apresenta o seu meio geográfico, e das relações entre o seu mundo vivido e os circuitos de fluxos sócioespaciais de fabricação de redes de dormir.

Nos espaços em que a presença dos circuitos de fluxos sociais inferiores, incluindo o formal e o informal, são predominantes as horizontalidades dominam, as complementaridades são limitadas espacialmente e as verticalidades que afetam estes circuitos são freadas relativamente.

Naqueles em que o circuito de fluxos superior secundário é significativo as verticalidades e as complementaridades na escala da nação é fundamental para a sua produção e reprodução, posto que o circuito espacial da produção regional terá esta dimensão. Nestes lugares as horizontalidades são estendidas, embora o mundo vivido seja colonizado pelo mundo sistêmico de mercado e do poder político. Este é o caso de São Bento e Jaguaruana.

Quanto às verticalidades ou ao grau de colonização sistêmica do mundo vivido cabe diferenciar os lugares cuja ordem local é normatizada fortemente por elas das que o são fracamente. Os primeiros, diferentemente dos segundos têm muitas vezes condições de impor suas próprias verticalidades aos espaços contíguos, formando dentro de um circuito espacial da produção regional cuja divisão territorial do trabalho está sob seu comando.

Este fato foi assinalado por Carneiro (2006, p.160) para o município de São Bento, na Paraíba, que impõe suas verticalidades em um circuito espacial da produção regional formando por 15 municípios localizados entre este estado e o Rio Grande do Norte. É de se esperar que lugares cuja produção de redes de dormir seja importante, como Tacaratu-PE e Jaguaruana-CE, também atuem verticalmente sobre o seu entorno.

5. CONCLUSÕES

A existência variável espacialmente dos diversos circuitos de fluxos sócioespaciais é a condição da diferenciação dos diversos mundos vividos nos espaços das redes, que apresentam, secundariamente, como dados explicativos a diferenciação dos meios geográficos em técnicos, técnicos-científicos ou técnicos-científicos-informacionais.

Estes dados estão imbricados, assim, a um meio técnico-científico-informacional mais denso corresponde à presença maior de circuitos de fluxos superiores secundários nos espaços das redes. Por outro lado, o aumento deste circuito representa a configuração de circuitos espaciais da produção nacional e internacional.

No fundo, verifica-se a colonização do mundo vivido nos espaços das redes, cujos elementos estruturais, personalidade, cultura e sociedade se vêm ameaçados pelos elementos sistêmicos do mercado e do Estado, o dinheiro e o poder.

Neste embate, o local perde espaço ao global, ao mesmo tempo em que se revivifica sobre outros moldes, agora não mais a partir de dentro, das ações orientadas para o entendimento, mas a partir de fora, das ações orientadas para o sucesso.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. de. 1998. **A terra e homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6ª Ed. Recife: Editora da Universitária da UFPE.

ARAÚJO, J.L.L. 1996. As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 290p.

BRUM, A.J. 1998. **O Desenvolvimento econômico brasileiro**. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes.

CARCANHOLO, M.D. 1998. Neoliberalismo e o consenso de Washington: a verdadeira concepção de desenvolvimento do governo FHC. In: MALAGUTI, M.L.; CARCANHOLO, R.A.; CARCANHOLO, M.D. (Orgs.). **Neoliberalismo: a tragédia do nosso tempo**. São Paulo: Cortez. pp. 15-35.

CARNEIRO, R.N. 2001. A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinafatura. **Monografia** (Graduação em Geografia). – Centro de Educação, Universidade

Estadual da Paraíba, Campina Grande. 58p.

CARNEIRO, R.N. 2006. Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento–PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 185p.

CASCUDO, L. da C. 2003. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2ª Ed. São Paulo: Global.

HABERMAS, J. 1990. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Tradução de: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____. 1997. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Tradução de: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, (Biblioteca de filosofia contemporânea, 3).

_____. 2002. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (Brasil, 4).

_____. 2003a. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (Biblioteca tempo universitário, 84).

_____. 2003b. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. 4ª Ed. Madrid: Taurus, v. I.

_____. 2003c. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. 4ª Ed. Madrid: Taurus, Vol. II.

IANNI, O. 1999. **A sociedade global**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

MARX, K.; ENGELS, F. 2001. **Manifesto do partido comunista 1948**. Tradução de: Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM.

MOREIRA, R. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do
Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 3, set/dez. 2008

Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, M. et. al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2ª Ed. DP&A. 2006. pp. 71-108.

RIBEIRO NETO, A.B.; GONDIM, M.V. de A. et. al. 2005. **Projeto Teares: APL redes de dormir de Jaguaruana/CE**. Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos – Fundação Getulio Vargas, São Paulo. 115p.

SANTOS, M. 1979. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, (Ciências sociais).

_____. 1985. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, (Espaços).

_____. 1999. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec.

_____; SILVEIRA, M.L. 2004. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record.

TACARATU. 2003. **Lidera produção de redes no Nordeste**. [Jornal de Pernambuco], [Recife], [mai/jun.]. Disponível em: http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003/pernambuco_em_destaque.htm. Acesso em: 22 out. 2005.